

MISTÉRIO DE NARCISO

O rosto é um território nômade, uma paisagem sem referência modelo, que mostramos aos outros em suas infinitas revelações



*O menor suspiro
Que eu exalasse
Viria arrebatá-me
O que eu adorava
Sobre a água dourada
E céus e florestas
E rosa da onda*

(Paul Valéry, Narcisse)

Narciso - Michelangelo Merisi da Caravaggio (1594-1596) vgr.hu



O mito de Narciso merece ser abordado como objeto de pesquisa na atualidade, diante da massificação dos rostos imposta por uma sociedade ávida por “caras”. A sociedade dos padrões pode ser a flor narciso que espalha sua narcose, entorpecendo e enfeitando túmulos. A queda nas águas da vaidade, do egocentrismo, do amor e satisfação é imposta por modelos de beleza preestabelecidos. Uma grande máquina, uma indústria que espalha espelhos.

Se para Narciso a água servia de espelho e dava a abertura para as profundezas de um “eu idealizado”, hoje o “eu idealizado”, padrão, obrigatoriamente deve se refletir nos espelhos. Essa idealização imposta, com ares e reflexo de esperança, é tão frágil como a própria flor narciso. Se os ventos da beleza não soprarem positivamente, esteticamente, refletindo a imagem considerada bela, saudável, suave, *fashion* ou “da hora”, cai-se no desespero. Não é à toa que as clínicas estéticas e de cirurgia plástica estão com suas agendas lotadas e que cada vez mais as intervenções suscitam questões éticas.

Rostos e corpos anoréxicos são as tendências do momento, efêmeros instantâneos, como salienta em seu poema Paul Valéry. Aqueles versos que abrem este texto foram analisados por Gaston Bachelard, que descobre um outro Narciso onde a floresta e o céu se refletem na água com o próprio Narciso. Deste modo, ele não está mais só: o universo se reflete nele, envolve-o e anima-o. “No cristal das fontes, um gesto perturbava as imagens, o repouso a restitui. O mundo refletido é a conquista da calma”, lembra Bachelard.

Cada ser humano tem um rosto impossível de ser diretamente acessado. Para conhecê-lo é necessário algo que o reflita, um espelho ou quem sabe uma miragem. Na simbologia de Jean Chevalier, no *Dicionário de Símbolos*, o rosto é um desvendamento da pessoa, incompleto e passageiro, como revelação da *mystica* nas pinturas de Pompéia.

O rosto em todas as épocas da história foi tema de muitas investigações, entre elas a Fisiognomonia, estudo baseado em um conjunto de regras que possibilita o julgamento do caráter humano, suas formas de pensamento e ação, seus sentimentos obtidos através da análise dos rostos. Entre os escritores antigos e medievais já era admitido como possibilidade proceder análises das aparências físicas que levavam em conta a característica dos olhos, formato do nariz, tamanho da testa, etc. O que se buscava através desses dados era revelar as tendências do gênio e do caráter das pessoas. No Renascimento, esse estudo foi bastante cultivado e no Século XVIII muito difundido por Johann Kaspar Lavater (1741-1801). Na Idade Moderna, passa a ser admirado e defendido por filósofos como Kant e Spengler, além de caracterologistas e psicólogos. Mas o que reflete esse rosto? Que devir expressa?

O rosto está na cabeça que é a manifestação física, é matéria, um universo como colocou Platão, um microcosmo devido ao seu formato arredondado, quase esférico. Um ensaio sobre o rosto foi escrito por Jurgis Baltrušaitis (1903-1988), no qual são traçadas especulações e estudo sobre a natureza e as formas animais expressas nos rostos humanos.

Idalina Krause é bacharel e licenciada em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC/RS), especializada em Filosofia Contemporânea e Brasileira (PUC/RS) e em Filosofia Clínica (Instituto Packter de Porto Alegre/RS).



WIKIMÉDIA

Johann Kaspar Lavater

O teólogo e filósofo suíço Lavater ficou conhecido no mundo intelectual europeu ao lançar a obra *A arte de Conhecer os Homens por meio da Fisionomia*, no final do século XVIII. Mas ele não foi o primeiro a se debruçar sobre o mistério da face humana. O estudo da fisionomia tem uma tradição antiga e rica iniciada pelos árabes, séculos antes de ser difundida na Europa a partir do Renascimento. Outros pensadores que escreveram sobre o tema foram: Giambattista della Porta, com *A humana physiognomia* (1586), Gerolamo Cardano, *Metoposcopia* (1658) e Jérôme Savonarole com a sua *Speculum physionomiae* (por volta de 1450). Lavater também foi poeta e amigo do escritor alemão Johann Wolfgang von Goethe.





RELACIONAMENTO

Para o autor, “a identificação do homem e do animal remonta às mais antigas origens. Fez surgirem as fábulas e os deuses de todas as civilizações antigas. Interveio nos sistemas dos conhecimentos da natureza moral dos seres por intermédio das aparências físicas”.

Produtos de beleza podem ser comparados às máscaras porque escondem o nosso rosto

Por outro lado, temos o viés da máscara. Objeto fabricado pelo homem para cobrir o rosto, com farta utilização no teatro e em manifestações populares como o carnaval, remonta às origens da própria humanidade. No antigo Egito era usado como máscara funerária. Em outras civilizações ainda hoje é caracterização necessária em cerimônias, rituais de caça,

danças e curas. O que necessariamente a máscara quer esconder ou mostrar? Para Chevalier, o símbolo da máscara se presta a cenas dramáticas em contos, peças, filmes em que a pessoa - o ator, no caso - se identifica a tal ponto com seu personagem, com a sua máscara, que não consegue mais se desfazer dela, que não é mais capaz de retirá-la. Na concepção psicanalista, há a necessidade de colocar a pessoa diante de sua realidade mais profunda. Para que tal evento ocorra se faz necessária a retirada das máscaras que encobrem esta realidade.

Joseph Campbell, no livro *As Máscaras de Deus*, menciona que a máscara em um festival primitivo é venerada e vivenciada como uma verdadeira aparição do ser mítico que ela representa, apesar de todo mundo saber que foi o homem quem fez a máscara, que é o ho-

Segundo a mitologia grega, a flor narciso surgiu após a morte deste personagem, afogado num rio, ao ver a sua bela imagem refletida na água. Com mais de 500 tipos catalogados, ela é originária da Ásia e Europa e tem diversas combinações de cor e formas. No mundo islâmico, associa-se a flor ao homem honesto



SHUTTERSTOCK





Ingres — Mademoiselle Rivière (1805) Museu do Louvre

Pintura de Ingres, Retrato de Mademoiselle Rivière, segundo análise de Henry Lapauze: “Tipo de uma ovelha, olhos grandes e ardentes sob o arco perfeito das sobrancelhas, avisando-nos de que não devemos confiar muito neles”

mem que a está usando. As controvérsias orbitam ao redor deste objeto. Tanto pode deixar transparecer uma intenção ou esconder o que não pode ou não deve ser revelado. Máscaras sociais muitas vezes são impostas, mesmo quando não se sabe ao certo os possíveis efeitos de sua utilização. O rosto pode ser uma máscara: fazemos uso de produtos de beleza, maquiagem, cortamos e pintamos o cabelo de uma determinada maneira, utilizamos piercings, brincos, tatuamos as faces. Homens deixam crescer seus bigodes, barbas e cavanhaques formando outra rostidade. As significâncias variam conforme o contexto cultural. Para os esquimós do

Para os esquimós do Alaska, por exemplo, o piercing do lábio significava o momento da transição para o mundo adulto, como caçador

Alaska, por exemplo, o piercing do lábio significava o momento da transição para o mundo adulto, como caçador.

E em que medida os óculos não se prestam ao uso de máscaras contemporâneas? Sem falar na estética corretiva, cirurgias plásticas, próteses dentárias que tornam o rosto um outro rosto. Mas ainda assim os buracos negros, olhos, bocas são capazes de deixar ver o que vem no íntimo, por isso o interesse da pesquisa rosto, um corte que coloca luz mesmo que mínima no que existe de mais idêntico ao rosto mesmo.

O rosto é um território nômade, uma paisagem, sem referência modelo, que mostramos aos outros em suas infinitas revelações. O rosto é mistério, metamorfose, está se tornando a cada instante. E entre esses instantes nunca volta da mesma maneira que foi. Gilles Deleuze chama o rosto de *estrato*, que através de um plano de imanência vai criar composições, multiplicidades que traçam individualidade. Através da subjetivação num plano espacial e temporal começam a se criar buracos que formam identidades, subjetividades e composições individuais que levam a figurações variadas na composição de um pensamento abstrato. Para Deleuze, o rosto dentro desse plano vai produzir alguma coisa, o devir impessoal do indivíduo, que vai estabelecer relações através do amor e da arte. O estrato rosto possui uma geografia, uma densidade que se formou de uma determinada maneira, território que está sempre se desterrito-



Por meio da geografia do rosto é possível fazer uma viagem rumo ao desconhecido, isto é, o outro com quem dialogamos

Gravura de um maori com o rosto tatuado, prática comum daquele povo originário da Nova Zelândia. O termo maori também é usado para designar a língua falada por eles, e que, traduzida, significa normal ou natural



WIKIMEDIA

rializando, pois está em movimento contínuo, perpétuo devir.

O buraco rosto procura “identificar” esse estrato, sujeito que possui determinados traços compositivos, dois olhos, uma boca, buscando sua significância que tem na cabeça um lugar de discurso. A cabeça está compreendida no corpo, mas não o rosto, afirma Deleuze, acrescentando que o rosto é um mapa, um sistema, super-

fície esburacada, paisagem complexa de linhas, traços que operam por “ordem de razões”. Sendo assim “introduzimo-nos em um rosto mais do que temos um”.

Somos rostidade, transitamos pelo mundo preenchendo vazios e por entre rostos cultivamos paisagens como uma potência sempre a se fazer. Entre rostos pode haver desertos, mas se há deserto há espaço a ser preenchido: as linhas significantes cada um traça com suas próprias tintas. As rugas expressam uma cartografia dos caminhos existenciais percorridos, em ziguezague, deslizante desde a infância. E até a morte e mesmo após a sua chegada continuará a se transformar.

Durante uma vida quantos rostos encontramos, encontros entre buracos desconhecidos? O que deixaram revelar? O que guardaram em segredo vestindo máscaras que não eram o próprio rosto? O rosto merece pesquisa, um corte, como sugere o pensamento Deleuziano. Quando se passa a pesquisar não sabemos onde vamos chegar. Há muita paisagem pintada com as cores e as tintas do mundo, rostidades de personas em fluxos de composições variáveis. Entre uma piscadela e outra, entre uma palavra e outra existem fugas, fantasias, desejos, mutações, simpatia, nojo e gozo. Linhas de encontro entre corpos eu e tu, eu e ele, eu e ela. Dois estrangeiros que se encontram num deserto no instante ‘e’: o meio. O ‘e’ conjuga por um momento e entra em disjunção no seguinte, mas traz em potência afetos, paixões que são capazes de se afirmar ou se esconder, traçando linhas de fuga também necessárias, comuns nos inter-relacionamentos.

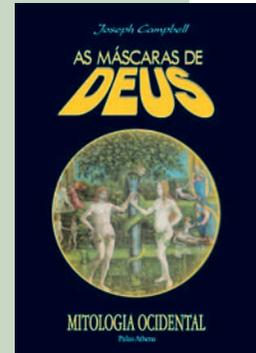
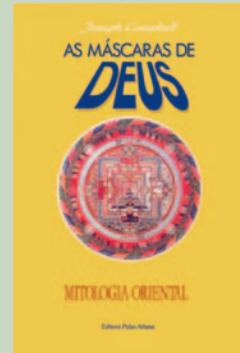
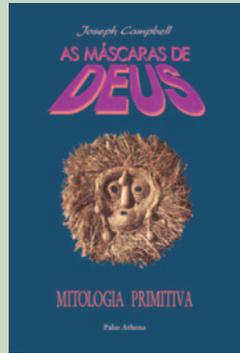
Assim é o devir. Ao olharmos para o nosso próprio rosto investiguemos com cuidado o seu mapa e com calma sigamos descobrindo territórios. Na medida que



nos tornamos ocorre uma dupla captura, pois 'o que' cada um se torna muda tanto quanto a si próprio. Somos nômades, mutantes, não há imitação. Encaremos nosso rosto como uma obra sempre em composição, rica nas várias formas de ser a cada instante. "Devir é jamais imitar, nem fazer como, nem ajustar-se a um modelo, seja ele de justiça ou de verdade. Não há um termo de onde se parte, nem um ao qual se deve chegar" (Deleuze). Encontro é devir, nos afirma Deleuze, sem simetria entre o que está fora e o que está entre. "Encontrar é achar, é capturar, é roubar, mas não há um método para achar, nada além de uma longa preparação", diz o pensador francês. Cada ser humano tem composições de linhas variáveis que faz surgir o rosto e a rostidade dentro de um quadro social.

O recurso máscara pode servir como garantia e realçar um rosto, tornando-se um rosto em si mesmo, ou garantir à cabeça uma "imunidade", já que entre rostos existem grandes espaços desconhecidos. Assim, seu preenchimento irá depender dos traçados de linhas, onde se podem inventar combinações, paisagens de estranhos devires. Iluminar os buracos da subjetividade, atravessando muros, num devir clandestino sem voltar atrás usando a cabeça pesquisadora, na qual haja uma conexão com espaços desconhecidos, traços de rostidade que assim poderão ser libertados como pássaros em todos os sentidos e direções. O rosto de cada pessoa vai refletir um universo de significâncias. E sempre há algo como fora e além dos padrões. E talvez esse mundo que se percebe além possa novamente trazer "a conquista da calma" perdida, e evocar a importância da aparência graciosa e singular de cada um. E, quem sabe, desses meandros misteriosos da rostidade possamos escrever novos poemas sobre o belo de cada ser

Nas páginas dos três volumes escritos pelo especialista estadunidense em mitologia e religião comparada, Joseph Campbell, encontra-se um mundo e uma experiência de vida que, aparentemente, parecem distantes, mas que ainda estão presentes em muitas das nossas crenças, medos e ansiedades.



humano. Livre dos padrões, sem tristeza, honestamente, respeitando toda e qualquer diversidade.

Rosto negro, rosto síndrome, rosto Frankenstein, rosto velho, rosto esquivo, rosto louco, rosto gordo, rosto muro branco com buracos negros, rostos onde são traçados linhas de fluxos surpreendentes e magníficas estéticas fora das convenções, e que revelam identidades sempre em constante mutação. Não existem somente flores de narciso, há uma variedade de significâncias merecedoras de espaço e estudos que tentem uma aproximação e assim revelem outras cartografias da rostidade. ●

FICHA TÉCNICA:
As Máscaras de Deus
Mitologia Primitiva (vol.1),
Mitologia Oriental (vol.2) e
Mitologia Ocidental (vol.3)

Joseph Campbell
Editora Palas Athena

REFERÊNCIAS

- BACHELARD, G. **L'eau et les rêves, essai sur l'imagination de la matière.** Paris, 1942.
- CHEVALIER, J. **Dicionário de Símbolos: Mitos, Sonhos, Costumes, Gestos, Formas, Figuras, Cores, Números.** 12ª Edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.
- BALTRUSAITIS, J. **Aberrações: um ensaio sobre a lenda das formas.** Trad. Vera Azambuja Harvey. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999.
- LAPAUZE, H. **Ingres, as vie et son ouvre.** Paris, 1911, p.52. Trecho mencionado por J-F. Chevrier, apud Baltrušaitis, 1999.
- CAMPBELL, J. **As máscaras de Deus.** Trad. Carmen Fischer. São Paulo: Palas Athena, 1992.
- DELEUZE, G; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 3.** Trad. Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Claudia Leão e Suely Rolnik. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996.
- DELEUZE, G; PARNET, C. **Diálogos.** Trad. Eloísa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998.

